

REVISTA  
DA  
ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Diretor: MÁRIO LINHARES

ANO LVII



Fortaleza - 1953

N. 25

ARTE CLÁSSICA

PADRE MISAEL GOMES

A civilização dos países mediterrâneos, airosa e linda, teve a semente de idéias do Levante e os primeiros mestres.

Na península italiana, a Etrúria já deu conjuntos picturais que aparecem, em grande parte, com as investigações arqueológicas dos últimos séculos. Proporcionam dados interessantes sobre o conhecimento estético dos antigos. Constituíram-se testemunhos diretos em torno á pintura clássica, antes da época romana.

Que! não são humildes decorações, trabalhos somenos ou reflexos de obras; assumem valor documentário excepcional.

Descendentes da Ásia Menor, os etruscos desempenharam papel importante na história da Itália primitiva, antes que esta fosse conquistada e unificada pelos romanos. Consolidou-se a nação pela vertente do Tirreno, no que corresponde ao Alto Lácio e á Toscana moderna, na Itália central. Testemunhos linguísticos e arqueológicos referem-se ao período de 700 anos, do VIII ao I século A. C.

Não existisse pintura funerária, e o mundo etrusco quedar-se-ia mais ou menos ignoto; o surto dos primeiros exemplos data do fim do VII ao começo do VI século A. C. Exímios escultores, os etruscos deram aos romanos lições do arco, da abóbada e da cúpula. O ideal era mais de força que de beleza. Todavia, em obras estatuárias de grande vulto, empregavam a terracota.

Os fenícios atravessaram, incansáveis e sedutores, as civilizações antigas, quais insetos sutis numa gana insaciável de levar as flores o pólen fecundante. Os judeus duram ainda, perseguidos muitas vezes, mas foram nún-

cios do monoteísmo. Os fenícios, da arte. As duas contribuições acentuaram-se propícias ao Ocidente.

Lançado já havia o povo egeu raízes cretenses e micênicas, de onde o gênio ático, que encanta e deslumbra, quando ergue o cérebro pensante e toma a paleta mirífica e espalha a cornucópia da filosofia ou da arte. A religião motivou-lhe as primeiras representações. A estética deu sempre a medida de uma raça, o seu valor.

Os povos do Oriente criaram a arquitetura, a escultura, a cerâmica; os helenos horrifaram-nas de beleza pela perfeição dos pormenores, pela simplicidade tersa, pela harmonia. O templo grego, constituído para morada da divindade, a estátua grega representando os deuses sob forma humana, são até hoje tipos clássicos de beleza plástica.

Tudo o que do Oriente recebeu a Grécia, serviu de base, por três séculos, em espiral até as alturas da Acrópole, tendo por coroa o soberbo Partenão de Minerva, construído de 454 a 438 A. C., no tempo de Péricles e cercado de outros templos esbeltos e admiráveis. Em cada novo estilo, acendraram-se elementos do antigo. Desapareceram os antepassados no templo grego, ainda que a arquitetura não deixasse nunca de elevar preces de pedra para o céu.

Havia reuniões nos santuários ou procissões, por dar graças às divindades e lhes dirigir súplicas. Os templos de Atenas, de Citera, do Olímpio, de Samos, acenaram aos peregrinos, que de longe os saudavam nas piedosas romarias do tempo.

A cidade de Minerva (Atenas) acudiam todos os gregos, qual metrópole da inteligência e pátria dos artistas. Em geral, não procuravam os gregos impressionar pela enormidade das obras, pelas formas gigantescas, como os orientais, mas satisfazem a razão com o aperfeiçoamento, harmonia, simplicidade e a justeza das proporções.

A literatura antiga exalta a estética dos pintores gregos, na feitura clássica de Polignoto de Tasos. Cêuxis, Parrásio e Apeles, assim como os da época arcaica e helenística. A obra desses pintores vence a dos escultores.

Dispersaram-se infelizmente e destruíram-se os quadros; suas preciosidades murais arruinaram-se ou despresaram-se. Ficaram apenas reflexos nas pinturas da cerâmica, ecos língücos de fidelidade duvidosa na pintura helênico — romana ou ainda nos ornatos em relevo e nas gravuras do metal.

Da Grécia própria á Ásia Menor e á grande Grécia, do VII século á conquista romana, 150 A. C., se encandilou e enflorou arte de primeira linha, tão doce arte que nunca mais deixou de chamar a atenção. Obras eminentes foram o Pritaneu, onde se conservavam as leis de Solon, o Pórtico, o Partenão, os Propileus e o Oleão, destinado aos prélios da música.

Cheios de vasos e estátuas os museus da Europa, a indústria grega

revela técnica oriental aperfeiçoada. Em princípios do século passado, consideravam-se etruscos, vasos gregos, descobertos na Etrúria.

Fídias, assistido pelos arquitetos Ictinos e Callicrates, escultores Agoracito e Alcamenes, e o inventor da ordem dórica, Clímaco, por citar alguns dos principais, fizeram o conúbio da majestade egípcia com o realismo assírio, fundindo arte suprema. Chegara a tamanha acuidade que se acreditou: o tipo grego é realização ideal do artista, e não cópia de modelos vivos.

Pois disse em claro e em cheio a palavra diamantina de um Rafael: "A arte não consiste em fazer as coisas como a natureza as fez, mas como deveria fazê-las". Ao executar a Vitória de Samotrácia, a *Nike* de 305 A. C. (Louvre) ou uma Venus de Milo, do período helenístico (Louvre), o artista não esculptou estátua de qualquer modelo, porém do tipo ideal nitentíssimo em seus fins e em suas medidas, belo como jamais surgira no seio inexaurível da natureza. O Renascimento fez sobreviver a petrificação artística dos helenos.

Antes disto, Alexandria, estimuladora do progresso, uniu a arte grega á romana, pelo tempo em que fundou a cidade de seu nome o rei de Macedônia, conquistador da Hélade, da Pérsia e do Egipto.

A natureza vale muito, o ensejo vale tudo. A própria Roma intrépida e vencedora transportou, com as obras, a alma ainda viva da Grécia. Desta veio a maior parte dos artistas. A escultura e a pintura reproduziram então obras helénicas.

Arte única original, romana, foi a arquitectura, começando ainda por imitar templos e teatros gregos. Os romanos, porém, adotaram materiais muito menos custosos, pedras, tijolos unidos por argamassa de cal e areia, e praticavam a arte aprendida com os etruscos, de construir abóbodas e arcos. Puderam assim erguer edifícios maiores e mais variados. Até hoje subsistem exemplos deles.

Recebendo Augusto uma cidade de tijolos, legou Roma feita de mármore, *pulcherrima urbs*, na linguagem de Vergílio. Fabricaram os romanos templos de cúpula, termas, arcos de triunfo, anfiteatros, circos, aquedutos de imponente robustez. Cruzaram o Império de estradas feitas por mãos de soldados para transportar tropas e correios imperiais. Todas calçadas de pedra e cal, atravessando rios sobre pontes de arcos, de que sobrestão destacados vestígios.

As construções superiores de alvenaria revestiram-se magnificamente. Onde entram os romanos, a força sobrepuja a beleza. O Panteão acolheu, piedoso, todas as divindades de nações conquistadas pelas águias imperiais, partidas do Capitólio.

Ora o Coliseu é o mais importante, o mais conservado de remotos edifícios da *Urbs*, perto do Foro Romano, antigo centro imperial dos Césares e hoje mundo de ruínas.

Encantadores por si mesmos, o Foro e o Coliseu evocam ainda a Esplanada do Templo de Jerusalém e a montanha da Acrópole em Atenas, outro mundo de reminiscências.

Diante dos arrepiados escombros, de colunas truncadas, muralhas em ruínas, vestígios de ruas, mármore, bases de edificios e de pilastras, degraus de escadas e pisos de mosaicos, esvoaça a imaginação, o pensador sintetiza, o historiador rememora os dias inolvidáveis do homem e sua viagem a conhecer, sentir, sondar e aprofundar, através da Beleza, a alma harmoniosa do universo.

